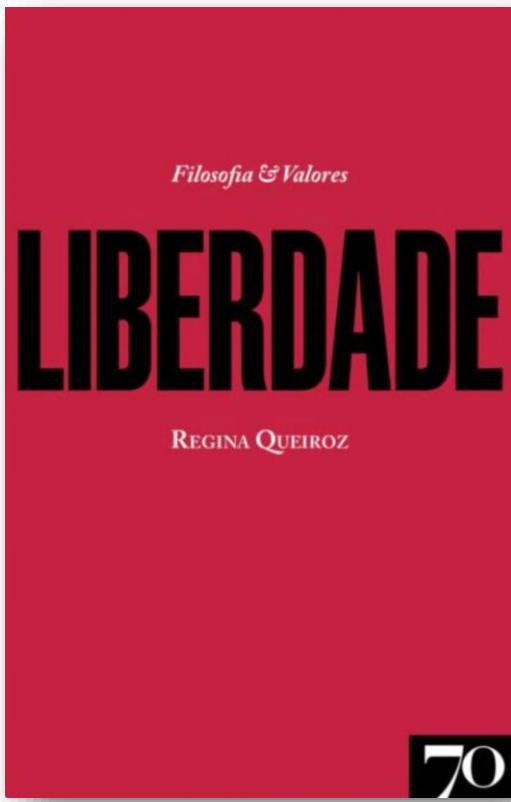


RESENHA

Regina Queiroz, *Liberdade*, ed70, Lisboa, 2024

Integrado na coleção Filosofia e Valores, este ensaio dedicado ao conceito de Liberdade exemplifica bem os limites do discurso filosófico contemporâneo, tanto naquilo que isso tem de positivo como de negativo. A autora é especialista na Obra de John Rawls e atém-se aqui ao modelo da coleção: um livro breve (cerca de 150 páginas), de estrutura simples, até linear na sua exposição histórica, focado em oferecer ao leitor (provavelmente não especialista) um estado da arte no que respeita ao termo que intitula o volume. Que Regina Queiroz o tenha feito com um equilíbrio argumentativo tão co seguido, sem com isso deixar de reflectir sobre o real – afinal, a marca da liberdade no acto de escrever – nem deixar de exprimir o seu próprio ponto de vista é aquilo que deve imediatamente ser destacado. Além de ser um livro sobre o que se pensou ao longo de milénios a respeito da Liberdade, este é um livro que também discute o conceito para quem o experiencia hoje.

Estruturado em quatro capítulos, o livro segue a sucessão histórica das discussões



em torno do conceito desde a Antiguidade até hoje. Contudo, organiza os pontos de vistas característicos de cada um dos diferentes períodos históricos mediante as temáticas que predominaram na discussão: o capítulo 1 agrupa pagãos e cristãos para evidenciar continuidades e contrastes na sucessão de Platão e Aristóteles para Santo Agostinho e São Tomás de Aquino; o segundo capítulo dedica-se à modernização do quadro conceptual em que a liberdade é concebida, valorizando a noção de «não interferência» e a distinção entre liberdades, «positiva» e «negativa»; neste contexto já moderno, o capítulo 3 dedica-se às contradições entre as diversas modalidades de liberdade modernas; por fim, o capítulo 4 discute a ordem do dia – Antropoceno, IA, género. À medida que a análise prossegue, a argumentação adquire cada vez mais a marca da autora, entre aquilo a que poderemos chamar veteroliberalismo e neorrepública, que incide sobre temas sociais (mercado de habitação) e autores contemporâneos (Hayek) de forma muito expressiva. Tudo isto faz do ensaio uma leitura estimulante, para usar um termo de outrora. A autora, como sucede em geral no que escreve, também privilegia uma expressão cuidada e seca, sem procurar o efeito retórico nem as buzzwords e boohwords do momento. Esta escrita, em muitos momentos, resulta em que o livro força a atenção do leitor – e seria difícil exigir mais a um ensaio tão breve.

Como é evidente no que acima ficou escrito, aqui a liberdade é discutida dentro da tradição filosófica. Não há concessões nem ao Oriente, nem ao Direito ou Ciências Sociais, a espiritualidades alternativas, ou ao que quer que seja. Este é o modo possível de cumprir com o formato do livro fazendo justiça à complexidade do conceito, embora seja inevitável pensar que hoje (há já séculos, aliás) as grandes questões em torno da definição, do exercício, do controlo da Liberdade decorrem tanto no exterior como no interior da tradição filosófica. Em particular no Direito, mas tantas outras áreas se podem citar, a centralidade do conceito de Liberdade é manifesta. O que permite pensar se o público para esta reflexão permanece ainda hoje no da Filosofia, ou se se encontra noutras áreas, que muito beneficiariam em ler este ensaio, apesar (e também por causa) da sua formatação filosófica estrita.

Indo um pouco mais longe, a reflexão de Regina Queiroz pode ser descrita como a de alguém ciente mas indiferente ao mundo da liberdade enquanto auto-expressão

mediática (nos écrans televisivos e das redes sociais). Ignora essa realidade epifenoménica de modo olímpico, nem sequer a negando, apenas dedicando o seu ensaio ao que importa. E o que resulta é a identificação de um conceito, Liberdade, que é descrição simples de uma realidade complexa, a das diversas e contraditórias experiências que o termo liberdade veicula. Sem pretender ser exaustivo nem sequer abordando tópicos bem conhecidos, como a diferença entre liberty e freedom caro ao mundo de língua inglesa que a autora frequenta, o ensaio de Regina Queiroz pode interpelar o leitor distraído pela veemência com que critica versões anárquicas do liberalismo; contudo, o seu interesse maior reside, pelo menos para o leitor dos trabalhos anteriores da autora, no modo como ao domínio das matérias, se junta aqui, de modo ainda um tanto exploratório, uma perspectiva própria que cremos se encontrar sintetizada nestas linhas da Conclusão (p. 140): «Na filosofia política próxima do liberalismo, os indivíduos não devem ser constrangidos pelas circunstâncias sociais e naturais, e, no neorrepublicanismo, os indivíduos e os povos não devem ser constrangidos por poderes arbitrários, ilegítimos e antidemocráticos.» Há aqui muito a discutir e por isso mesmo a conclusão merece ser retomada, desenvolvida em vários capítulos, centrando a discussão na perspectiva da autora, que aqui claramente ficou limitada pela natureza do ensaio.

Provavelmente, fazer esse outro esforço noutra língua seria também acertado, porque a clareza de Regina Queiroz merece ter leitores.

Carlos Leone
(Setembro 2024)